

# A MEMÓRIA FICCIONALIZADA EM *HERANÇAS* E *LEITE DERRAMADO*: RASTROS, APAGAMENTOS E NEGOCIAÇÕES

Marilene Weinhardt  
(UFPR - CNPq)

## RESUMO

Na produção contemporânea que pode ser lida como herdeira do romance histórico, admitindo ou não essa filiação, conjugam-se textualidades de extrações muito diversas. Nessa pluralidade, avulta a recorrência ao discurso memorialístico. Se a presença da memória é hoje reconhecida como condição da produção literária, no caso da ficcionalização do passado histórico seu dimensionamento apresenta particularidades em decorrência de diversas formas de trânsito: entre passado individual e passado coletivo, entre acontecimentos pessoais e acontecimentos sociais, entre o lembrado porque vivido e o lembrado a partir de relatos. Esta abordagem busca perceber rastros, apagamentos e negociações dos processos da memória ficcionalizados em *Heranças* (2008), de Silviano Santiago, e *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque. A proposta é que a memória individual figurada nas duas obras pode ser lida como reverberação da memória coletiva da sociedade brasileira no período ficcionalizado.

PALAVRAS-CHAVE: ficção contemporânea - ficção histórica  
% Silviano Santiago - Chico Buarque.

Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar.

Paul Ricoeur

## A Memória como Recurso Ficcional na Ficção Recente

A ficção que encena o passado histórico, seja aceitando, seja recusando a inscrição na qualificação *romance histórico*, constituiu uma expressiva linha de força da produção brasileira nas derradeiras décadas do século XX. (WEINHARDT, 2006) A situação parece não se manter no mesmo patamar no novo século, verificando-se declínio na atenção da crítica sobre essa modalidade. Os estudos sobre a ficção contemporânea, ainda que acentuem a diversidade, a impossibilidade de definir uma tendência como dominante – limitação decorrente da variedade das publicações do período e também da dificuldade para julgar o presente – apontam para a insistência na ficcionalização do presente, centrada em especial na violência urbana da atualidade, predisposição que já se mostrara vigorosa no período anterior. (CARNEIRO, 2005; RESENDE, 2008; SCHOLLHAMMER, 2009) Em que medida trata-se de *revival* da década de 1970, em que medida agrega novos comportamentos, a partir dos elementos sociais do presente, é tema para esses estudos.

Entretanto, certa queda em termos numéricos não significa esmoecimento da criação que inscreve a ação ficcional no passado histórico. Além disso, é preciso considerar que classificações decorrem da conjugação da potencialidade de cada obra com critérios estabelecidos pelo leitor. O hibridismo, a porosidade entre as diferentes modalidades, marca característica da produção literária, mais efetiva hoje do que em qualquer outra época, multiplica as possibilidades de escolha entre modos de leitura possíveis. Não é preciso reiterar que não há, necessariamente, distância absoluta entre um tipo de opção e outra da parte dos escritores de criação, bem como o leitor comum faz suas escolhas em decorrência de variadas motivações, o tempo ficcionalizado é apenas uma delas, talvez nem seja das mais determinantes. Quem precisa recorrer a balizas é a abordagem crítica, que se preocupa com sistematizações.

Classificar é nosso modo de conhecer, a despeito da provisoriedade de cada modelo construído.

Portanto, a curva descendente no número de publicações de ficção histórica – se é que de fato é descendente, se essa impressão não resulta da atenção da crítica ao que se mostra como ruptura, em detrimento das permanências, independente do potencial estético de uma e outras – não indica acentuada perda do interesse no passado, da parte de escritores e leitores, e está longe de indicar tendência de desaparecimento da ficção histórica. A listagem de títulos lançados na primeira década do século XXI que se pode classificar como ficção histórica está muito próxima de uma centena. (WEINHARDT, 2011a) As opções temáticas e formais permitem acolhê-los na categoria que, herdada do século XIX, tomou novo impulso no final do século passado, seja sob a denominação *novo romance histórico* (MENTON, 1993), seja como *metaficção historiográfica* (HUTCHEON, 1991), conforme a vertente teórica adotada pelo crítico. Há mesmo títulos que podem ser considerados bastante próximos do modelo oitocentista (LUKACS, 1972), o que não determina sua insignificância como prática cultural deste momento.

Desse levantamento, expressiva parcela, em termos numéricos e particularmente quanto à realização estética, é constituída por discursos em primeira pessoa, figurando a ação de relatar no presente da escrita, ou seja, na contemporaneidade. Os narradores apresentam-se como indivíduos maduros ou mesmo muito idosos, e contam suas próprias vivências, na modalidade memorialística, situando suas ações em conjunção com o momento histórico. Não se tem em vista, nesta seleção, a vertente que se vem denominando *autoficção*, nem o romance autobiográfico, definido por Philippe Lejeune (2008, p. 25).

O uso do discurso de memórias é recorrente em romances históricos de diferentes épocas. Nessa mesma listagem resultante do levantamento das publicações da primeira década do século XXI com potencial para leitura como ficção histórica, há outros títulos que usam o discurso memorialístico como recurso ficcional, mas o tempo do narrador memorialista é situado em faixa que não coincide com o tempo da escrita e do escritor. É o caso de *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, ou ainda de *O rastro do jaguar* (2009), de Murilo Carvalho. Em ambos o narrador relata sua longa experiência de vida, perfeitamente inserida no panorama do momento ficcionalizado, o que permite classificá-los como romance histórico sem sombra de dúvida. Mas em

ambos o narrador situa-se em tempo passado em relação ao tempo da escrita. Eric Hobsbawm ensina que há “zona de penumbra entre a história e a memória; entre o passado como um registro geral e aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas” (HOBSBAWM, 1988, p. 15). Romances em que a figuração do tempo mais longínquo evocado é essa “zona de penumbra” é que estão em mira. Nos dois exemplos citados, o tempo passado ficcionalizado constitui “zona de penumbra” para a personagem, mas não para o escritor.

Para demarcar ainda outra linha limítrofe, vale lembrar que o uso da primeira pessoa relatando suas vivências não é de uso restrito da ficção histórica. O centramento na trajetória individual ou familiar também é excludente neste caso. Sirva como exemplo de mais um campo de exclusão o premiado *O filho eterno* (2007), de Cristóvão Tezza. Narrado em primeira pessoa, o relato é restrito à experiência pessoal. O que se busca analisar aqui é a figuração do passado recente, apresentado em perspectiva individual inserida no plano social. É preciso referir que esta é uma delimitação problemática para o romance histórico, uma vez que é bastante frequente, entre os teóricos deste subgênero, a resistência à aceitação do tempo vivido como histórico. Para não repetir aqui argumentação já apresentada em outros estudos (WEINHARDT, 2011b), resume-se a posição adotada tendo em vista que se segue na esteira de Fredric Jameson no entendimento de passado histórico ficcionalizado como aquele resultante do entrecruzamento do “plano existencial da vida individual”, ainda que, no caso, indivíduos sejam ficcionais, com o “plano histórico transindividual” (JAMESON, 2007, p. 190), e com Perry Anderson quanto às possibilidades de reinvenção dessa forma no presente (ANDERSON, 2007, p. 216-217), a despeito das diferenças de opinião entre os dois estudiosos em relação ao lugar do romance histórico na contemporaneidade.

Em delimitação de campo a partir das premissas anunciadas – publicação na primeira década do século XXI; uso do discurso de memórias; tempo narrado predominantemente no século XX; conjugação dos eventos pessoais com os sócio-históricos – enquadram-se os seguintes títulos: *O fantasma de Buñuel* (2004), de Maria José Silveira; *Não falei* (2004) de Beatriz Bracher; *Sob o peso das sombras* (2004), de Francisco Dantas; *Cinzas do norte* (2005), de Milton Hatoum; *Antonio* (2007), de Beatriz Bracher; *Roliúde* (2007), de Homero Fonseca; *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Órfãos do Eldorado* (2008),

de Milton Hatoum; *Heranças* (2008), de Silviano Santiago; *Yuxin: alma* (2009), de Ana Miranda; e *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque.

A listagem é variada. Quanto aos autores, constam estreates, nomes recorrentes nos levantamentos sobre ficção histórica, alguns que aparecem com mais de um título. Os espaços geográficos e sociais, seja quanto à origem dos escritores, seja quanto à cena ficcionalizada, também têm variação considerável. Vale esclarecer que a atenção a qualquer tipo de espacialização não foi critério de escolha, mas já indicam tendência de descentralização. Também não foi critério de seleção, mas é de notar ainda o equilíbrio entre escritores e escritoras.

Neste conjunto chama a atenção uma série de paralelismos entre dois títulos. Trata-se de *Heranças*, de Silviano Santiago, e *Leite derramado*, de Chico Buarque. É sobre estes dois romances que se concentra a leitura a seguir. Ambos figuram relatos produzidos no início do século XXI, por indivíduos não apenas em idade avançada, mas já à beira da morte, ambos fazendo balanço do percurso existencial, percurso esse que comportou mudança radical de estatuto econômico e social. A vida de ambos os narradores foi marcada pelo desaparecimento de uma mulher, espécie de dobradiça, alterando os rumos da vida de cada narrador. A conjugação com os demais romances do conjunto será tarefa para outro momento.

Nos dados extratextuais também podem ser apontados algumas coincidências, ou pelo menos proximidade: as obras foram lançadas em 2008 e 2009, respectivamente; os autores, ambos vivendo no Rio de Janeiro, não são exatamente contemporâneos entre si, mas podem ser considerados da mesma geração, o primeiro contando pouco mais de setenta anos quando do lançamento, o segundo no meio da casa dos sessenta; ambos têm atividades profissionais ligadas ao universo cultural, no caso do primeiro mais centrado no trato com o fenômeno literário, tanto na reflexão como na criação, no caso do segundo, artista de variada expressão; nenhum está na sua primeira aventura como ficcionista, pelo contrário, independente de outras produções que garantem suas inscrições na cena cultural, os títulos romanescos que já assinaram, alguns premiados, lhes asseguram um lugar na história da ficção brasileira do entresséculos. Enfim, a comparação entre os autores não é o que está em questão e tais paralelismos só foram evocados porque podem ter alguma significação subsidiária na proposta de leitura que se defenderá.

De início, interessa perceber a situação narrativa criada em cada romance. Tratando-se de discurso de memórias, a reflexão teórica que está na base dos comentários que se seguem está em *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur, sem perder de vista, obviamente, que se está diante da ficcionalização desse discurso. Lê-los como discursos memorialistas é parte do pacto de leitura. O que se buscará apreender é o que podem oferecer, como possibilidade de leitura, as operações com os rastros, os apagamentos e as negociações da memória em cada uma dessas figurações.

Não se acompanha uma narrativa de memórias em decorrência da curiosidade pelo desfecho, este está dado de antemão, uma vez que o memorialista é visto na abertura na sua condição de “agora”, isto é, no presente da narração, evocando o “não agora”. (RICOEUR, 2007, p. 52) A questão não é “o que vai acontecer” e sim “o que aconteceu na vida deste indivíduo que o faz pensar que sua existência vale o esforço do relato”, ou melhor, “o que ele acha que aconteceu”. Ricoeur declara que a fenomenologia da memória que propõe “estrutura-se em torno de duas perguntas: *De que há lembrança? De quem é a memória?*” (RICOEUR, 2007, p. 23).

### A Memória Laboriosa

O conciso parágrafo de abertura de *Heranças* deixa patente que o narrador não tem outra expectativa que não a morte: “Elegi a cidade, escolhi o cemitério. Decidi passar os últimos anos de vida no Rio de Janeiro e ser enterrado no S. João Batista.” (SANTIAGO, 2008, p. 7). Além da tripla alusão ao fim irrevogável (“cemitério”, “últimos anos de vida”, “enterrado”), é de notar os três verbos – *eleger*, *escolher*, *decidir* – indicativos não apenas de exercício de vontade, mas de capacidade de gerir, de controlar. Todo o percurso dessa personagem, que só vai ser identificada pelo nome próprio muito próximo ao final, é determinado por seus atos de vontade. Aí está a resposta para a segunda questão estruturadora da fenomenologia de Ricoeur: a memória é *deste homem*, senhor de seu destino e de sua narrativa. Os mecanismos de regulação de sua trajetória, descritos em minúcias, desvelam para o leitor que os meios de controle alcançam também as lembranças. Assim como teve um projeto de vida seguido com rigor, em que cada passo foi calculado, a narração também tem um objetivo específico, não é resultado de uma tentativa de preencher o tempo vago que o afastamento das atividades profissionais costuma deixar. Não é uma rememoração ao acaso, mas uma “recordação laboriosa”, para usar expressão que

Ricoeur busca em Bergson. (RICOEUR, 2007, p. 46). A sensação de que o fim se aproxima, as constantes referências ao precário estado de saúde, que não merece explicação exceto quanto à certeza do fim próximo e algumas poucas referências a incômodos físicos, não afetam a capacidade de raciocínio e de gerenciamento da situação e do próprio destino deste indivíduo que, “(n)este ano de 2007” (RICOEUR, 2007, p. 8), está confortavelmente instalado, escrevendo seu relato em um computador de última geração, em luxuoso apartamento à beira-mar, no bairro de Ipanema, para onde se transferiu há pouco mais de um ano, vindo do bairro de Lourdes, em Belo Horizonte. A precisão com a geografia é mais uma das tantas exatidões que marcam a narrativa.

O primeiro capítulo, como aquecimento e preparação, distende-se sobre as circunstâncias atuais, sublinhando as condições de bem-estar material e de isolamento, comporta rápidas alusões ao passado mineiro, insiste na preparação para a morte, quer dizer, com as providências de ordem material para não incomodar e, principalmente, não depender de ninguém, concluindo com um parágrafo que é, ao mesmo tempo, o projeto e a súplica da narrativa:

Só me interessam – possível leitor destas páginas – os atos da vida que não cheguei a compreender e os acontecimentos que permanecem como incógnita. Debato-me noite e dia com aquela lettrinha *x*, que é o fundamento e razão de ser das equações matemáticas. Pela correspondência entre os dados decifrados de episódio vivido e as criptografias dum outro, e pelo jogo entre o incompreensível e o já solucionado e assimilado pela consciência, é que irei destrinchar minha experiência de vida para melhor comunicá-la a você, que porventura venha a se interessar por ela. (SANTIAGO, 2008, p. 16).

Portanto, retomando a primeira questão estruturadora da fenomenologia de Ricoeur, *há lembrança* do que não foi entendido. Essa será a busca e a tônica do relato. As reflexões sobre as dificuldades do processo da recuperação do passado pela memória e sua expressão na escrita compõem com regularidade. O leitor está avisado de que deve estar atento aos menores indícios. É tarefa sua perceber rastros, apagamentos e negociações que se estendem por trinta e três capítulos que, grosso modo, seguem linha cronológica, por vezes interrompida por antecipações, por vezes por digressões. Ainda que o memorialista exerça controle sobre a lembrança, seria inverossímil se seu funcionamento fosse absolutamente linear.

O segundo capítulo abre-se com o que poderia soar, para o leitor

minimamente inserido no cânone da literatura brasileira, como um eco de Brás Cubas. Mas outro som mescla-se à evocação da tradição literária, a voz popular, presente no provérbio que a antecede: “Escapei-me do provérbio que reza: ‘Quando Deus não dá filhos, o diabo dá sobrinhos.’ Não tive filhos. Não tive sobrinhos.” A sequência, à primeira vista decorrente do jogo sintático – “Tive muitas amantes.” – dá oportunidade para se preservar a verossimilhança, na explicitação da prática aliança entre o plano social, o intelectual e o apelo sexual: “[m]uitas [dessas amantes] foram subtraídas dos vários bairros tradicionais da capital mineira. À vista da sólida formação cultural que ostentavam, eu era atraído e nocauteado pela sedução da beleza.” (SANTIAGO, 2008, p. 18). Assim se explica que o filho do dono da loja de armarinhos, condição sempre lembrada, sem ter logrado formação superior por não conseguir sequer passar em um vestibular, ostenta verniz de erudição: vampirizou a cultura das amantes. Se o leitor, ainda não familiarizado com o universo ficcional em que adentrou, não percebe os dois níveis de informação nesta primeira passagem, ela é reiterada logo no capítulo seguinte: “Se hoje sou homem relativamente culto foi por ter aprendido a combinar de maneira proveitosa a instrução cultural à vida social promíscua. Sou *autodidata*.” (SANTIAGO, 2008, p. 37. *Itálico do original*).

Aqui e ali, ao longo do relato, aflora a situação de origem, seja em dados factuais, seja nos ajuizamentos sobre o mundo, seja na expressão linguística, em particular na prontidão e naturalidade com que emprega provérbios, prático congelamento do senso comum, ouvidos no balcão da loja do pai, enquanto os hábitos no cotidiano e, especialmente, a experiência das viagens ao exterior, procuram construir uma imagem de refinamento, adequada ao *parvenu*, conforme se autodenomina. (SANTIAGO, 2008, p. 121). É bem verdade que outros ecos literários se fazem ouvir com maior ou menor intensidade, mas estes ficam por conta do diálogo dos leitores com o autor, passando ao largo do narrador. As viagens, inicialmente à então capital do país e depois à Europa eram também usadas como consolo para as namoradas que engravidava e, indefectivelmente, induzia ao aborto. As opiniões sobre o direito ao livre exercício da sexualidade e a recusa à procriação criam oportunidade para que se perceba a carência de princípios morais e o absoluto desrespeito ao outro. Não é preciso muito mais para que o leitor perceba que está diante de um cínico, um mau-caráter confesso. No entanto, esse *mais* virá em detalhes, sem subterfúgios. As explicações não se travestem como justificativas.

A fase que pode ser lida como romance de formação se alonga.



Ele é o filho do pai, o filho macho, que merece companhia, atenção, lições para o relacionamento com mulheres. O herdeiro. Herdeiro na tradição de garanhão, porque há uma irmã, justamente chamada Filinha, esta sim, efetivamente, trabalhando na loja de aviamentos, ao lado do pai, de modo competente, garantindo a manutenção material. O modo que dá conta, pela primeira vez, da existência da irmã funciona no plano do pacto de leitura, simulando reforçar a veracidade, ao se dirigir aos conterrâneos:

Antes que o leitor mineiro me reconheça e queira corrigir informações contidas neste relato, é melhor que esclareça – ou enfatize – alguns detalhes de ordem pessoal. Nasci, sim, em Belo Horizonte, mas na realidade não nasci e cresci filho único de Seu Nestor. Tampouco fui seu primeiro herdeiro universal. [...] Depois da morte – também precoce – de minha irmã Josefina, os comerciantes da praça passaram a julgar-me filho único de Seu Nestor. (SANTIAGO, 2008, p. 31).

Atento, ou antes, distraído pela estratégia que, na superfície, se mostra como garantia de verdade, o leitor não se dá conta, de imediato, no indício implícito na razão dessa separação entre os irmãos já no parágrafo subsequente:

Carinhosamente chamada pelos pais – e por mim – de Filinha, Josefina faleceu aos trinta e três anos, estando eu na flor da juventude, com vinte e oito anos. Cinco anos e o legado financeiro de Seu Nestor separavam Filinha e o filhinho de papai. Por ocasião da leitura do testamento paterno, passaram a separar-nos de maneira obsessiva e caprichosa. No dia em que o carro na BR-3 levou minha irmã desta para a melhor, desatrelei-me definitivamente dela. Fui convertido em herdeiro dos bens familiares. [...] herdeiro único da família Ferreira Ramalho. (SANTIAGO, 2008, p. 31-32).

Logo o leitor percebe que aí está o sentido do título, sobretudo se atentou para a primeira epígrafe – “Quem tem irmão não precisa ter inimigo” – sem suspeitar que é apenas uma primeira explicação, para ambos, título e epígrafe, redimensionados adiante. É em torno desse acidente que vitimou a irmã que a memória do narrador vai fazer circunvoluções, refazendo todos os rastros aparentemente apagados, revelando as negociações. Memória é narrativa. Aí está a incógnita, o *x* da equação que motiva a narração. Na busca empreendida pelo narrador para a reconstrução desse momento, o leitor fica conhecendo o duplo percurso de vitorioso do narrador, acumulando conquistas afetivo-sexuais e fortuna econômico-financeira, no percurso de herdeiro de loja e de

casarão em bairro de Belo Horizonte a morador da Vieira Souto, passando pelos estágios de construtor imobiliário e especulador. As metáforas relacionadas ao ofício da costura permeiam o texto. Mais uma vez, o leitor pode se deixar enganar pela areia nos olhos, julgando tratar-se apenas de um condicionamento do indivíduo que cresceu vendo o pai submeter a medida do mundo ao metro e à qualidade dos aviamentos, ou pode abrir um novo campo de visão, descortinando a importância de cada ponto bem dado para a aparência do efeito final. É preciso atentar para a qualificação que lhe é atribuída, a ele, leitor, não se contentar com a simplificação contida na expressão *influência machadiana*, sempre à mão, como se esta residisse em recursos estilísticos de superfície. Mais de uma vez o narrador adjectiva o leitor como “cúmplice”. Este é um termo que aparece com maior frequência na crônica policial. Onde está o crime?

A técnica mais relevante para elucidar um crime é a escuta dos diversos envolvidos e o confronto dos depoimentos. Em um relato de memória há um único depoente. Mas, prescrito o crime, diante do tribunal de sua consciência, para usar um lugar comum ao gosto de uma das facetas do narrador, o depoente pode se refratar. Quem precisa estar atento não é o depoente, mas quem ouve, ou lê. A morte de Filinha é relatada várias vezes. Obcecado, o narrador incita o leitor a acompanhá-lo nas especulações:

Na verdade, seria ridículo privilegiar uma das versões que explicam o acidente automobilístico na BR-3. Mais ridículo seria apadrinhá-la. Se tomada isoladamente, versão alguma elucida a contento a morte de Filinha. É tolice partir do fato acontecido e caminhar para o exame de hipótese única. Quando muito, a tática levará a excluir essa ou aquela situação como improvável, fantasiosa ou fanfarronesca. Até aí morreu Neves. A avaliação final dos fatos advirá da soma de todas as versões. [...] Excluir simplifica. Empobrece. [...] Não me dou trégua, tampouco a transmito ao leitor. Ao trabalho! (SANTIAGO, 2008, p.125).

Examinadas várias versões, acrescentando detalhes que não constaram nos registros da época, o narrador admite alguma culpa, mas permanece o termo *acidente*: “Terei o direito de divagar sobre a primeira das versões explicativas do acidente? Como ter certeza absoluta de minha culpa? Na impossibilidade, afirmo que estive duplamente implicado. Concorri para o bom sucesso do acidente, ao sabotar o motor do carro na madrugada do sábado.” (SANTIAGO, 2008, p.135).

O narrador busca reparação, localizando o namorado de Filinha e pai do filho que ela esperava quando morreu, para nomeá-lo herdeiro, mas só “agora”, à vista da morte, depois de ter passado toda a vida auferindo os lucros da herança. Obviamente, esse amado da irmã também está velho, teve sua experiência de vida, realizou-se como profissional e no casamento, a despeito da origem humilde e de defeito físico que traz de nascença. Essa herança recebida nessa altura vai compensá-lo da vida que não foi? O narrador poderá se sentir apaziguado, supostamente renunciando ao que já não pode mesmo gozar? E a vida de Filinha? A epígrafe revela-se em sua plenitude. Não é apenas o narrador que tem na irmã a inimiga, esta tem nele um inimigo, inimigo mortal. A herança passa para outras mãos, “(e)svaziou-se o poço da memória” (SANTIAGO, 2008, p. 361), mas o resgate da culpa é possível? “Dei o nome de *Heranças* ao relato que escrevo.” (SANTIAGO, 2008, p. 361). Refere-se aos bens que passaram para suas mãos, foram multiplicados muitas vezes e entregues nas mãos do amante infeliz, ou à culpa que o acompanhou?

## A Memória sem Gradiente

Culpa assumida é o que não aflige o memorialista de *Leite derramado*. Seu discurso é o da vitimização, rememorando 100 anos de vida, eventualmente remetendo aos ancestrais, o que pode alcançar o século XIX. A voz é um fluxo constante. São vinte e três capítulos, o que é o mesmo que dizer vinte e três parágrafos, ou melhor, talvez seja mais apropriados designá-los como blocos, já que não há nem mesmo o afastamento da margem marcando o início de parágrafo, cuja extensão flutua entre duas e quatorze páginas. Para usar Bergson via Ricoeur mais uma vez, pode-se identificar nesta narrativa o processo da “recordação instantânea” (RICOEUR, 2007, p. 46), ou seja, a evocação que resulta de “ter uma lembrança”, não de “ir em busca de uma lembrança”, (RICOEUR, 2007, p. 24) é casual. Assim, a ficcionalização não é a do controle do discurso, mas do acaso, o que certamente não é menos laborioso na constituição do dito discurso. O simulacro do caos não é o caos.

Na abertura o leitor se depara com um *eu* que entrevê a possibilidade de um futuro que deverá ser a réplica do passado, em discurso entremeado por indícios da situação atual:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da

minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque na baixada hoje em dia faz muito calor. Não sei se foi sempre assim, se meus antepassados suavam debaixo de tanta roupa. Minha mulher, sim, suava bastante, mas ela já era de uma nova geração e não tinha a austeridade da minha mãe. Minha mulher gostava do sol, voltava sempre afogueada das tardes no areal de Copacabana. Mas nosso chalé em Copacabana já veio abaixo... (BUARQUE, 2009, p. 5-6).

Ele parece confiar no poder de sedução da referência a práticas culturais do cotidiano que certamente não estão ao alcance dos meios de vida da ouvinte. No entanto, para quem está fazendo uma proposta de casamento, as referências à mulher do passado são, no mínimo, indicio de inabilidade. Essa amada será a obsessão do narrador. No trecho citado fica marcada a diferença entre a tradição da família e o modo de ser da “antiga mulher”. Os espaços onde viveu aparecem de cambulhada, só muito adiante o leitor vai entender a referência ao calor “na baixada hoje”, quando mudando-se para a periferia, o narrador identifica que o lugar da “infância feliz” é o mesmo ocupado hoje pela igreja que lhe dará abrigo quando não mais tiver para onde ir. O bloco se estende por mais três páginas, com referências ao passado glorioso da família, nas terras da fazenda do avô ou no casarão construído pelo pai em Botafogo, as viagens ao exterior acompanhando o pai, incluindo iniciação sexual, o cotidiano da infância e da adolescência, em família falando-se em francês para que os criados não entendessem. Aqui e ali afloram as circunstâncias presentes (“deixam a televisão ligada, fora do ar. Deve ser para que [...] eu não moleste os outros pacientes com meu palavrório.” Ou ainda: “Ouço ruídos de gente, de vísceras, um sujeito entubado emite sons rascantes, talvez queira me dizer alguma coisa.”) e informações sobre as condições de emissão do discurso (“Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí?”). (BUARQUE, 2009, p. 6-8).

Concluída a leitura do romance, se voltar ao início o leitor se dará conta dos elementos de enredo já antecipados neste bloco. Questão fulcral na fenomenologia da memória de Ricoeur é a “conquista da distância temporal, [...] que podemos qualificar de gradiente de

distanciamento. A operação descritiva consiste então em classificar as experiências relativas à profundidade temporal, desce àquelas em que [...] o passado adere ao presente, até aquelas em que o passado é reconhecido em sua preteridade passada.” (RICOEUR, 2007, p. 43). A memória deste indivíduo internado em um hospital, na sua condição de centenário potencializada pela percepção da passagem do tempo em na cama de enfermaria, perde o gradiente de distanciamento. As cenas estão todas lá, cabe ao leitor perceber as circunstâncias que determinam a perda da profundidade temporal e procurar e restabelecê-las.

O trânsito entre o mundo utópico do passado e a distopia do presente será constante, por vezes de difícil percepção. Cabe ao leitor construir o percurso, como quem monta as peças de um quebra-cabeça. O problema é que há peças repetidas, peças que se superpõem, os contornos são os mesmos, ou quase, a tonalidade pode ser diferente. Imagem mais expressiva do modo de realização do romance é imaginar que há mais de um jogo a ser montado. É preciso decidir a peça que cabe no cenário que representa o que de fato foi vivido, o que se encaixa na cena tal como a memória reconstrói o vivido. A rigor, talvez só interesse apreender este último quadro, ou sequência de quadros, porque não se está lendo o relato de uma vida, mas o relato da rememoração da vida. O primeiro subcapítulo de *A memória, a história, o esquecimento* é justamente intitulado “Memória e imaginação”. O vivido rememorado não é mais o vivido, mas o vivido permeado pela imaginação. Retorna a questão dos rastros, apagamento e negociações a serem apreendidos em sua funcionalidade ficcionalizada.

No plano que se pode designar como objetivo, para reduzi-lo à qualificação mais rasteira possível, se tem “Eulálio Montenegro d’Assumpção, [nascido a] 16 de junho de 1907, viúvo” (BUARQUE, 2009, p. 77), internado em um hospital, pouco tempo depois de ter comemorado o centésimo aniversário, portanto o presente da narração se dá em 2007. Descendente de linhagem senhoril, com a morte do pai começa a se fazer sentir a desagregação econômica que fará com que sua última mudança de endereço, depois de tantas, sempre em escala descendente, seja para um cômodo nos fundos de uma igreja pentecostal, ouvindo os ditames do milenarismo que grassa no início do século XXI na pregação do pastor, e a voz da filha que proclama em altos brados os bordões da nova crença. Esse homem teve um casamento que se deu contra a vontade da mãe, em vista da origem social da escolhida, e uma separa-

ção, tendo-lhe ficado a filha, que por sua vez foi casada, teve um filho, Eulálio d'Assumpção Palumba, e vários relacionamentos posteriores, a cada um iam mingando os recursos materiais. Há ainda outro e mais outro Eulálio, portanto o narrador vive o suficiente para conhecer o trineto.

Esse parágrafo contendo uma vida de 100 anos poderia ser ainda mais reduzido se fosse preenchido pelos feitos do herói do romanesco. Parece que sua única decisão efetiva foi a escolha da esposa: “Eram as exéquias do meu pai, no entanto eu não sabia mais me libertar de Matilde” (BUARQUE, 2009, p. 30), que participava do coral. Esta é a única ação de resistência que pratica, resistência mais significativa porque foi preciso vencer a força de uma mãe autoritária e aferrada às tradições de casta. As outras ações acontecem em decorrência de circunstâncias e por obediência a convenções.

Quase tudo a respeito de Matilde fica sob o signo da dúvida, exceto a paixão que o toma. A perda da amada determina sua falta de rumo na vida. Entre as frustradas buscas para encontrá-la e as tentativas de construção de uma origem para apresentar à filha, somadas com a idealização própria do objeto do desejo e os fantasmas entrevistados por um ciumento, tudo se funde e confunde na rememoração. O leitor tem pistas, sobretudo na voz dos outros, eventualmente registradas, para apreender um enredo verossímil. Mas o romance não é “o que de fato aconteceu”, e sim como esse narrador o viveu os fatos, quer dizer, como ele rememora o que viveu. A obsessão por ela faz com que apareça tantas vezes, em relatos que se repetem ao mesmo tempo em que se corrigem, que o leitor menos atento pode se deixar enredar no novelo de lembranças e invenções, não percebendo que a expressão *leite derramado* no título não é a metáfora desgastada a ponto de se transformar em um lugar comum, mas a razão mesmo do desaparecimento dela. Ele sabe disso, mas tanto negou esse desaparecimento, tanto criou outras versões, para uso próprio, para a filha, para a sociedade, que borrou tudo. Apagamentos e negociações se superpuseram aos rastros. Nesse emaranhado de imagens predomina o alaranjado, cor do vestido em que ela se mostrava mais sedutora. Esse jogo é explorado editorialmente, disponibilizando-se no lançamento exemplares com a capa externa laranja e a interna branca, e vice-versa. No jogo de ilusões, o leitor participava com a ilusão de um poder de decisão na compra.

Para ilustrar ainda a indecisão que lhe é habitual, vale evocar outro episódio, ainda que sem o mesmo alcance de repercussão em seu destino. Trata-se das circunstâncias da morte do pai, em que ele não se

sente em situação de escolher uma explicação conclusiva: “...corria que meu pai tinha sido morto a mando de um corno. Isso porque foi metralhado ao entrar na sua garçonnière, mas mamãe só lia O Paiz, cujas reportagens atribuíam o crime à oposição.” (BUARQUE, 2009, p. 36). Portanto, a mãe faz uma escolha, encontra uma explicação que a satisfaz, ou pelo menos o filho julga que ela entendeu assim a morte do marido, enquanto ele, inseguro que é, ainda que tenha vários indícios no comportamento e nas palavras de outros, não firma uma decisão.

A confusão entre as figuras do neto, bisneto e trineto é de outra ordem, faz parte da verossimilhança narrativa, o próprio narrador a explica. Ainda que exija outra longa transcrição, é mais expressivo dar-lhe a voz, ouvi-lo em conversa com a filha, uma das suas várias ouvintes, ou que ele julga que estão a ouvi-lo:

É como se dizia antigamente, pai rico, filho nobre, neto pobre. O neto pobre calhou de estar na sua barriga, Eulálio d’Assumpção Palumba, o garotão por nós criado, que cresceu rebelde com toda a razão. Já maduro entrou nos eixos, mas você deve lembrar quando ele meteu na cabeça de ser comunista. [...] Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia, e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. *Mas lembrança de velho não é confiável*, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida. Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o que morreu foi outro Eulálio [...]. O Eulálio magro é que virou comunista, porque já nasceu na cadeia e dizem que teve um desmame precoce. Daí fumava maconha, batia nas professoras, foi expulso de todas as escolas. Mas mesmo semianalfabeto e piromaniaco arranjou trabalho e prosperou, outro dia me deu uma caixa de charutos. Visitou-me em casa com uma namoradinha de barriga de fora e brinco no umbigo. Essa me faria gosto como nora, mas quem pariu na cadeia foi outra. Não me esqueço o dia em que me telefonaram para buscar o bebê no hospital do Exército [...]. Até me emocionei ao ver o pimpolho, praticamente órfão de pai e mãe, porque Amerigo Palumba estava longe e você, presa e incomunicável. Mas espere um pouco, isso não é possível porque você saiu do hospital ao meu lado, com a criança no colo. [...] *Você deve estar fazendo confusão com o outro...* (BUARQUE, 2009, p. 38-39. Grifos meus).

À parte o efeito de verossimilhança alcançado na figuração da memória de velho, que busca a precisão e cada vez mais se confunde, por vezes atribuindo a confusão ao outro, o leitor apreende mais do

que o narrador sabe. Nessa sequência de gerações a família transita da burguesia decadente a militante político, a malandro e, finalmente, a traficante, todos apresentados no vocabulário e nas construções sintáticas desse indivíduo bem-nascido que narra.

O jogo de espelhos, que por vezes só duplica a imagem, por vezes a refrata em número de imagens e deformação variável, é uma constante na construção, mas não há um modelo estabelecido, cada refração comporta uma inovação. O derradeiro movimento desse jogo é a memória da morte do avô, que de repente é um ancestral mais distante, para enfim se revelar ao leitor como o fim do próprio narrador.

### Da Memória Individual à Cena Coletiva

Na abertura deste trabalho, declarou-se interesse na ficcionalização da história e intenção de tratar de obras que usam o discurso de memórias como recurso para construir narrativas que podem ser lidas como romances históricos. Entretanto, a leitura de *Heranças* e de *Leite derramado* tomou rumos que podem conduzir antes a uma abordagem de caráter psicológico, ou mesmo psicanalítico. A leitura como romances de formação, ou ainda como romances de geração, são também possibilidades em aberto. Sem desprezar o potencial de interpretações que trilhem essas vertentes, não é o que se tem em vista aqui. Os comentários que intentam evidenciar as habilidades contidas nos dois títulos para construir relatos de memória capazes de criar indivíduos e universos que se sustentam nos limites da ficção, pretendem, antes de mais nada, reafirmar o óbvio: o pressuposto de que, independente do adjetivo com que se qualifique um subgênero literário – social, histórico, de costumes, político, de sondagem psicológica, ou qualquer outro – antes de tudo as ficções devem ser capazes de criar uma realidade, não de refleti-la. Em segundo lugar, mas que é o que releva aqui, decorrem da concepção de romance histórico mobilizada nesta abordagem. Trata-se de apreender como se dá o cruzamento do tempo individual com o tempo transindividual, evocados de início e agora já tendo perdido as aspas, uma vez que estão incorporados nesta reflexão. Pretende-se dar um passo adiante.

Antes dessa tentativa de avanço, vale ainda anotar que a trama de ambos os romances decorre da inscrição de indivíduos na instância histórica. Essas personagens não são protótipos, têm suas idiossincrasias, mas é da conjugação destas com o momento histórico que resulta seu percurso. O Walter de *Heranças* é egótico, ambicioso, capaz de atitudes



que não passam pelo mais elástico crivo moral para alcançar seus objetivos. Mas é o fato de viver na época da expansão imobiliária em Belo Horizonte e das negociatas que enovelam administração pública e investimentos particulares que lhe permitiu escolher o caminho que o levou a transformar a modesta fortuna de uma pequena casa comercial de cidade provinciana no capital de construtora de alto porte e de investidor. Em outro momento histórico, um indivíduo como ele poderia ter usado meios escusos para ser herdeiro universal e acabar seus dias atrás do balcão, como o pai. Aliás, parece que ele não mirava além disso quando decidiu transformar-se em filho único. O Eulálio de *Leite derramado* é um fraco, incapaz de reagir aos reveses da vida. Mas é por ter nascido de antiga linhagem, no momento em que este tipo de ascendência perde significado porque derruiu seu poder econômico, que sua tragicidade avulta. Tivesse aparecido alguém com as mesmas características em outro estágio daquele grupo social, e seria um excêntrico, talvez um marginal na família, mas não na sociedade, o clã garantiria o escudo. Somando-se aos traços individuais, há um conjunto de circunstâncias históricas e sociais para que o primeiro seja um emergente e o segundo um derrotado, um vencido. Portanto, mesmo nos limites de uma concepção bastante precisa de ficção histórica, desde que não se tenha como exigência distanciamento alongado entre o tempo de vida do escritor e o tempo histórico ficcionalizado, é possível lê-los como ficção histórica.

Isso posto, é o momento de retomar a questão do trânsito entre memória e historicidade. Ricoeur, que serviu de norte nesta leitura, a certa altura declara que seu livro é “uma apologia da memória como matriz da história”. (RICOEUR, 2007, p. 100) Ora, se as memórias figuradas nestas obras ficcionais são pessoais, a memória das classes que representam é coletiva. Interessa, dado o caráter da literatura como forma de representação, conferir a possibilidade de ler esses discursos memorialistas como possíveis reflexos da memória da coletividade. Não se está propondo leitura na chave alegórica, nem como um simbolismo transparente, as duas personagens ficcionais representando a história do país, mas antes uma leitura que perceba que, na ficção, tudo se passa como se fosse rememoração privada, mas é como rememoração transindividual que pode encontrar eficácia. Usado na ficção, que se constitui como mediação simbólica, o efeito buscado pelo discurso de memória difere do efetivo discurso de memória. Este intenta preservar e comungar o passado, enquanto aquele cria um sentido para uma for-

ma de ver o passado. Ao perceber o sentido criado, o leitor pode partilhar ou não a crítica. Ou não perceber o sentido crítico e se contentar com a construção de um passado.

O que se intenta é, entre outras leituras defensáveis, considerar a possibilidade de apreender os dois romances como mais algumas, entre as tantas reflexões sobre o país e a sociedade, na sua configuração atual, percebendo-os como efeito imediato do percurso percorrido no século XX, e efeito mediato de tempos históricos que remontam aos ancestrais portugueses dos tempos do descobrimento do Novo Mundo. É justamente visando a apontar a pluralidade como condição inescapável que foram escolhidos esses dois romances em que há pontos de proximidade de diversas ordens, nos planos extratextual e intratextual, apontados de início, e diversidade de opções e soluções narrativas, detalhadas nos tópicos dedicados a comentar cada romance, buscando uma função de complementaridade para articular este modo de leitura proposto. Walter e Eulálio, dois indivíduos que não comportam as qualidades tradicionais do herói, mas também não cabem no modelo que busca a deseroicização pela via do humor, tão frequente na criação do final do século, revelam-se na sua dimensão humana, mas não alcançam a reconciliação com o próprio passado. O primeiro culpando-se, o segundo vitimizandose, nenhum atinge a redenção, o apaziguamento, porque não fizeram o luto pelos desaparecimentos que os marcaram. “[O] pesar é essa tristeza que não fez o trabalho do luto.” (RICOEUR, 2007, p. 91). É inegável que nenhum vence o pesar, supera a tristeza.

A rememoração, sob a vigilância da consciência controlada na escrita por um, desbragada na oralidade do outro, não os redime. A despeito do valor atribuído à confissão pelo catolicismo, o perdão não é alcançado pela palavra tão somente. Sem ação efetiva não há remissão. O vetor da trajetória social e econômica de cada um percorre sentido inverso, um é o arrivista, outro é o decadente, nenhum é inocente. Um, cuja ascendência conhecida mal alcança o avô, se recusa a ter filhos e impede o descendente em linha indireta de chegar ao nascimento, recusando a continuidade, ele é o fim definitivo; o outro, que cultiva a árvore genealógica de muitas gerações, chega ao trineto, mas sua descendência acha os caminhos que a sociedade atual oferece aos párias, a igreja salvacionista e o tráfico. Se não é um painel, certamente é uma cena contemporânea bastante expressiva. De nada serviu o esforço da rememoração? Ela é o primeiro passo de resistência diante da ameaça do esquecimento. Se outros passos serão dados para fugir da inércia cabe ao leitor.

ABSTRACT

In the contemporary literary output that can be read as the heir of the historical novel, such affiliation being admitted or not, textualities from very different extractions combine. In this plurality, the recurrence of the memorialistic stands out. Whereas the presence of memory is now recognized as a condition of the literary, when it comes to the fictionalization of the historical past it takes on special features due to various forms of interchanges: between individual and collective past, between personal and social events, between remembering through experience and remembering through reports. This article seeks to understand traces, deletions and negotiation in the processes of memory fictionalized in the novels *Heranças* (2008), by Silviano Santiago, and *Leite derramado* (2009), by Chico Buarque. The inference is that the individual memory outlined in the two works can be read as reverberations of Brazilian society's collective memory of the period fictionalized by the authors.

KEY-WORDS: contemporary fiction % historical fiction % Silviano Santiago % Chico Buarque.

REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 77, p. 205-220, mar. 2007.

BRACHER, Beatriz. Antonio. São Paulo: Editora 34, 2007.

\_\_\_\_\_. Não falei. São Paulo: Editora 34, 2007.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

DANTAS, Francisco. *Sob o peso das sombras*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

FONSECA, Homero. *Roliúde*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HATOUM, Milton. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.77, p.185-203, mar. 2007.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LUKÁCS, Georges. *Le roman historique*. Paris: Payot, 1972.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina. 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIRANDA, Ana. *Yuxin: alma*. São Paulo: Companhia das Letras; São Paulo: Edições SESC SP, 2009.
- RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SANTIAGO, Silviano. *Heranças*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- SILVEIRA, Maria José. *O fantasma de Buñuel*. São Paulo: Francis, 2004.
- WEINHARDT, Marilene. O romance histórico na ficção brasileira recente. In: CORREA, Regina Helena M.A. (Org.) *Nem fruta nem flor*. Londrina: Humanidades, 2006. p. 131-172.
- \_\_\_\_\_. Outros palimpsestos: ficção e história – 2001-2010. In: OURIQUE, João Luiz Pereira; CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto. *Literatura: crítica comparada*. Pelotas, Ed. Universitária PREC/UFPEL, 2011a., p. 31-55.
- \_\_\_\_\_. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 2011b. p. 13-55.

---

Recebido em: 30/05/2012.

Aceito em: 31/07/2012.